



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**THELMA DE LACERDA OLIVEIRA**

**IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR DE ENSINO  
FUNDAMENTAL – 1ª FASE**

**JOÃO PESSOA  
2014**

**THELMA DE LACERDA OLIVEIRA**

**IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR DE ENSINO  
FUNDAMENTAL – 1ª FASE**

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Fundamentos de Gestão..

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ms. Teresa Neuma de Farias Campina

JOÃO PESSOA  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48i Oliveira, Thelma de Lacerda  
Identidade Docente do Professor de Ensino Fundamental - 1ª  
FASE [manuscrito] : / Thelma de Lacerda Oliveira. - 2014.  
33 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:  
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da  
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à  
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Teresa Neuma Campina,  
Departamento de Ciências da Educação".

1. Educação. 2. Saberes Docentes. 3. Identidade Docente. I.  
Título.

21. ed. CDD 370.1

## TERMO DE APROVAÇÃO

Thelma de Lacerda Oliveira

### IDENTIDADE DOCENTE DO PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL – 1ª FASE

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado em 20.07.2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Fundamentos de Gestão no Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, pela seguinte banca examinadora:

Teresa Neuma de F. Campina  
Prof. Ms Teresa Neuma de Farias Campina  
Orientadora

Clea Gurjão Carneiro  
Prof. Ms Clea Gurjão Carneiro  
Examinadora

Amasile Coelho Lisboa de C. Sousa  
Prof. Ms. Amasile Coelho Lisboa de C. Sousa  
Examinadora

JOÃO PESSOA  
2014

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus em primeiro lugar, pois sem ele nada eu poderia ser.

Aos meus pais e aos meus filhos (as).

A Deus que me amou, escolheu e capacitou para que eu vá e dê frutos.

Aos meus filhos Bruna, Thaís e Thiago.

Aos meus pais por me darem a vida e fazer hoje quem sou.

A Wanderlan e Wanderson pela paciência e compreensão que nos momentos de desânimo sempre me incentivaram com palavras de encorajamento,

Aos meus professores Anibal, Maria Barbosa e Teresa Neuma pela força que me deram nos momentos em que pensei desistir.

***DEDICO***

*“Não devemos permitir que alguém saia da  
nossa presença sem se sentir melhor e feliz.”*

*Madre Tereza de Calcutá.*

## RESUMO

A presente monografia tem como propósito analisar, na literatura pertinente, mediante pesquisa bibliográfica, as questões relacionadas com a identidade docente do professor do ensino fundamental I nos dias atuais. Autores de renome foram consultados na bibliografia disponível, tais como: Morin (2004), Perrenoud (2002) Tardif (2002), entre outros. Nos tempos atuais, as novas tecnologias da informação e comunicação têm influenciado e contribuído substancialmente para que grandes mudanças aconteçam nos conceitos norteadores da educação, exigindo do professor constante aprimoramento. A escola contemporânea exige do docente competência para o ensino dentro da nova realidade globalizada. A identidade docente, portanto, tem que ser construída de bastante saberes, teoria e prática. Não obstante as adversidades e as dificuldades encontradas pelo profissional educador, desde o salário, muitas vezes irrisório, até à falta de reconhecimento dos poderes constituídos, dele é requerido que esteja devidamente atualizado para que possa desenvolver o seu trabalho em sala de aula. Essas e outras questões pertinentes estão, nesse trabalho, analisados.

**Palavras-chave:** Educação. Saberes docentes. Identidade docente.

## **ABSTRACT**

This thesis aims to analyze the relevant literature through bibliographic research, issues related to teacher identity teacher of elementary school nowadays. Renowned authors were consulted in the bibliography available, such as: Morin (2004), Perrenoud (2002), Tardif (2002), among others. In current times, the new information and communication technologies have influenced and contributed substantially to that great changes happen in the guiding concepts of education, requiring constant teacher improvement. The contemporary school of teaching requires competence for teaching within the new globalized reality. The teacher identity, therefore, must be built quite knowledge, theory and practice. Despite the hardships and difficulties encountered by the professional educator since wages often whimsy, to the lack of recognition of the powers that be, it is required to be duly updated so you can develop your work in the classroom. These and other questions are relevant in this work analyzed.

**Keywords:** Education. Knowledge teachers. Teacher identity.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 MARCO TEÓRICO.....	11
2.1 Educação na pós-modernidade.....	11
2.2 Formação de professor: considerações.....	12
2.3 Conceito de Identidade .....	14
2.3.1 Identidades docente.....	18
3 IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS – MODERNIDADE.....	23
4. COMENTÁRIOS CRÍTICOS SOBRE AS IDENTIDADES DOCENTES.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

## 1INTRODUÇÃO

As sociedades ditas pós-modernas caracterizam-se pelo desenfreado desenvolvimento científico e tecnológico que ecoa nos múltiplos modos de viver do cidadão. Associe-se a isso, as sucessivas interações que se estabelecem entre os sujeitos da pós-modernidade e a multiplicidade dos meios socioculturais a que estão expostos, nas mais distintas ocasiões que a vida lhe impõe.

Neste cenário, já não podemos mais pensar a formação profissional, com destaque para a docência, como um processo de aquisição de conhecimentos/saberes que configure o profissional pelo viés de uma identidade única, e estável, dado que a fluidez a partir da qual a vida acontece, requer desse profissional identidades que o façam ser capaz de interagir no e pelo mundo.

Sendo assim, é possível conceber a identidade docente como uma construção cotidiana. Muitos são os elementos envolvidos na construção dessa identidade. Dessa forma, é possível levantar a seguinte problematização: que sistemas servem de referência nesse processo de construção da identidade docente? Para tentar responder a esse questionamento, o presente trabalho tem como objetivo analisar os principais aspectos relacionados à construção da identidade docente do educador de ensino fundamental - 1ª fase, mediante procedimento investigativo, na literatura pertinente, procurando estabelecer comparativos entre o professor atual de ensino fundamental e o de gerações passadas, buscando identificar os progressos alcançados durante o tempo, e, desse modo, demonstrar que a identidade docente tem que ser construída cotidianamente, através de estudos, da formação continuada, na prática em sala de aula, entre outros saberes docentes.

A escolha do presente tema deve-se ao fato de que, em primeiro lugar, trata-se de um assunto por demais discutido na esfera da educação, tendo em vista a importância do mesmo em decorrência da necessidade da construção permanente da capacitação do professor frente às demandas da educação na contemporaneidade. E, pelo meu interesse nesse tema como professor atuante no ensino fundamental.

Para desenvolver o nosso estudo, baseamo-nos nos autores: Castells (2003), Morin (2004), Delors (2001), entre outros. O procedimento metodológico utilizado foi uma pesquisa do tipo exploratória descritiva, fundamentada em pesquisa bibliográfica.

Para Gil (2006), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

Já para as autoras Candeloro e Santos (2006, p.70), a pesquisa bibliográfica consiste na busca de elementos para sua investigação em materiais impressos ou editados eletronicamente. Portanto, o estudo foi realizado em livros, artigos eletrônicos, revistas e periódicos, todos de reconhecida cientificidade.

## 2 MARCO TEÓRICO

Neste capítulo serão analisadas as questões concernentes à Educação na pós-modernidade, seus questionamentos, questões relacionadas à formação do professor, assim como, conceito de identidade e um estudo sobre identidade docente.

### 2.1 Educação na pós-modernidade

Os avanços tecnológicos e científicos, a inclusão da informática na vida cotidiana das pessoas, quer em casa, no trabalho ou na escola, as mudanças de paradigmas na educação e em outras áreas do conhecimento que vêm ocorrendo no mundo atual tem afetado sobremaneira a educação escolar.

Invenções tecnológicas como a Internet, o data-show, tele-conferências, etc. Apesar de certa lentidão, já fazem parte da realidade de muitas escolas intituladas pós-modernas, exigindo do professor uma constante atualização dos métodos de ensino.

O debate do pós-moderno que nos últimos anos chega ao campo da educação tem, no mínimo, um sentido salutar e desafiador. Tradicionalmente, as teorias educativas refletem o que se desenvolve em outras áreas; a instituição educativa é um campo conservador, até pelos compromissos que assume na sociedade. Os avanços que nela se dão acontecem com mais lentidão, como vemos acontecer com o pós-modernismo, ao invadir o campo da educação e sua teoria (PEREIRA, 2002).

Assim, não se pode falar ainda que a educação acontece na pós-modernidade de forma plena e satisfatória. Trata-se de um processo constante de ajustes e atualizações de acordo com as mudanças que, aliás, vem ocorrendo com certa rapidez, implicando em uma permanente mudança de metodologias.

Portanto, os questionamentos pós-modernos, levados à esfera das teorias e práticas da educação, vão significar uma implosão de sua visão e metodologias, como já assinalou recentemente (CASTELLS, 2003).

Ao analisar a pós-modernidade e os constantes desafios ante o processo da educação, torna-se imprescindível avaliar os significados e especificidades que diferenciam os atores mediante as espécies de poder e de capital. De acordo com

PERRENOUD (2002) a educação encontra-se sob a égide de dois paradigmas: ensinar saberes e desenvolver competências que contemplem projetos de formação pré-determinados.

Portanto, são grandes os desafios que a pós-modernidade representa para a educação atual, que acontece num ambiente de constantes mudanças paradigmáticas e de grandes exigências de competência aos profissionais da educação, assertivas que apontam para a formação do professor, consideradas a seguir.

## 2.2 Formação de Professor: Considerações.

A educação sempre foi e será o elemento indispensável para a formação do indivíduo, de forma que lhe proporcione tornar-se preparado para o convívio social e para o enfrentamento adequado dos problemas cotidianos.

De acordo com o relatório elaborado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, vinculada à UNESCO, a educação presta um inestimável e relevante papel no desenvolvimento das pessoas e das sociedades e, em relação a isso os indivíduos e os poderes públicos considerarão cada vez mais a busca do conhecimento, não apenas como um meio, mas como um fim em si mesmo (DELORS *et al.*, 2001, p. 36).

É óbvio o quanto é importante o estudo e o conhecimento, sem os quais se torna impossível aos indivíduos conquistar melhores condições de vida. Porém, para que isso se torne real, é preciso a colaboração dos professores. A estes cabe a tarefa de preparar os jovens, não somente para enfrentar o futuro com confiança, mas, para que se tornem preparados para construir uma sociedade mais digna.

Delors, *et al.* (2001, p. 37) afirma que: “a contribuição dos professores é crucial para preparar os jovens, não só para encarar o futuro com confiança, mas para construí-lo eles mesmos de maneira determinada e responsável”.

É notório que as instituições e a sociedade em geral estão a requerer muito do trabalho do professor, embora nem sempre se questionem as possibilidades e condições de se efetivarem as inúmeras responsabilidades a ele atribuídas, pois essas responsabilidades, geralmente de difícil consecução, nem sempre estão definidas com clareza (CAMPELO 2001, p. 49).

Assim, fica claro que a figura do professor é imprescindível para a sociedade, pois sem ele não haveria educação, capacitação e aprendizado. O educando necessita de uma educação de qualidade, e isso somente poderá tornar-se realidade com a colaboração dos professores. Quanto mais capacitado for o mestre, melhor será o ensino. Por isso, nesse contexto, do professor será exigida uma formação condizente com as necessidades da educação atual.

Os anos de 1980 a 1990 foram muito importantes para a prática pedagógica. Nesse período da história, movimentos foram articulados com o objetivo de enfrentar as questões da profissionalização de docentes, exigindo-se providências para a implementação de políticas voltadas para melhorias da prática pedagógica. Primeiramente, nos Estados Unidos e Canadá teve início a revisão na formação inicial de professores, essas reformas tinham como objetivo a valorização profissional na Educação, e melhorias na formação de profissionais docentes juntos com a ascendência de seus saberes.

Posteriormente, no Brasil, de maneira discreta, foi sendo implementada essa revisão na formação inicial de professores, adotando-se novos paradigmas e compreensão na prática pedagógica e sobre os saberes pedagógicos e epistemológicos.

Renomados autores como Lessard (1991), Tardif (2002) e Perrenoud (2002) formaram o tripé de sustentação dessa linha, com suas valiosas contribuições. Reformas educacionais, portanto, foram ocorrendo em diversos países europeus, nos Estados Unidos da América e também na América Latina, chegando até ao México.

Gauthier (1998, p.45) costumeiramente usa a sentença do oráculo de Delfos: “conhece a ti mesmo”. Dessa forma, se referindo ao fato de que o ensino tarda a refletir sobre si mesmo. Verdadeiramente, o ensino necessita sofrer mais mudanças para que possa atualizar-se diante de novos conhecimentos e das novas tecnologias atuais.

Segundo ainda o autor supracitado, muitos conhecimentos produzidos nos centros acadêmicos têm origem nas Ciências da Educação, mas não consideram as condições reais do exercício do magistério. Continuam produzindo pesquisas que não correspondem à realidade do professor, com suas variáveis em sala de aula, saberes que desencontram com o perfil do docente *in loco*. Isso, para o autor, é um obstáculo e a confirmação da desprofissionalização do docente.

Tardif (2002, p.60) sabiamente se refere ao saber docente: “como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. Ele exalta as perspectivas de saberes dos docentes como professores plural, temporais e heterogêneos. Para o autor supracitado, existem vários saberes: *saberes da formação, profissional, conjunto de saberes transmitido pelas instituições de formação de professores, saberes curriculares* e, finalmente, *saberes experimentais que brotam da experiência e são validados incorporando experiência individual e coletiva dando oportunidades para a criatividade dos docentes sob forma de hábitos e habilidades de saber fazer e de saber ser.*

Portanto, fica claro quanto os saberes docentes são imprescindíveis e por isso precisam ser permanentemente fortalecidos. Lessard (1991, p. 77) referindo-se aos saberes docentes, cita o saber de experiência, concebido como:

Um conjunto de saberes, de representações a partir das quais os docentes interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões. É um saber oriundo “da” e “pela” prática. É um saber prático na medida em que reflete uma “razão na ação”. Este saber, por sua vez, é apontado, pelos docentes, como o fundamento de sua atividade.

O avanço das ciências no século 20 e no começo do século 21 tem trazido muitas certezas e incertezas. A educação baseada pelas evidências e pelas investigações atende o espírito científico objetivo de Darwin e da LDB 9394/96. O que hoje temos não é educação, mas sim doutrinação ideológica do naturalismo filosófico travestido de ciências (MORIN, 2004).

Portanto, as declarações de Morin (2004) com relação às intermináveis transformações verificadas no campo do conhecimento humano e na formação dos professores, nos últimos tempos, encontram-se sobremaneira atualizadas e coerentes. Neste contexto, urge falar em identidadee identidade docente, foco do próximo item.

### 2.3 Conceito de Identidade

Conceituar identidade não é tarefa fácil, tanto é que são inúmeros os conceitos existentes elaborados por autores de renome, como descrito na sequência desse trabalho.

Identidade, de acordo com Garcia; Hypólito e Vieira (2005) é o conjunto de características próprias de uma pessoa, um grupo etc. que possibilitam a sua identificação ou reconhecimento.

Segundo Castells (2003, p.112) a identidade, a partir da teorização cultural, é um processo, uma produção, algo em movimento, em transformação, sempre inacabado, e construído socialmente. Portanto, conceituar, de forma categórica e definitiva, o que seja identidade docente é uma tarefa bastante difícil.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. Tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental (CASTELLS, 2003).

A identidade é abstrata, portanto, não palpável. Entretanto, pode-se afirmar que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Ela é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.

A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder. Assim, o conceito de identidade aqui trabalhado opõe-se a uma compreensão rígida, fixa, unificada. Ao contrário, o processo de construção da identidade é fragmentado, complexo e contraditório. Como processo, a identidade está sempre sendo construída e, conseqüentemente, modificada.

No ambiente socioeconômico, político e cultural atual, onde as transformações são constantes, não é mais aceito o conceito de uma identidade estável e única, o que possibilita a construção de novas identidades e a produção de novos sujeitos mediante rupturas e recomposições.

De acordo com Giddens (2005, p.14), para analisar a questão da construção da identidade é preciso considerar a condição do sujeito na modernidade e, a partir de então, traçar um paralelo com o que ocorre na contemporaneidade – época de mudanças paradigmáticas.

Segundo Rodrigues (2008, p. 06):

Vivemos na modernidade, mas a acentuação de suas características tais como: “a inovação contínua e a provisoriedade das formas sociais existentes, a mundialização do capital e a velocidade de incorporação de sociedades através do uso das mídias contemporâneas” levam alguns intelectuais a prognosticarem o seu fim e propor sua substituição pelo

conceito de pós-modernidade.

A construção da identidade, portanto, ocorre na convivência social. Ciampa (2007, p.96) afirma que: “só se é alguém através das relações sociais que construímos ao longo de nossa vida em meio ao espaço e ao tempo em que vivemos”.

Segundo Paulo Freire(1989, p. 35):

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser social, que possui “raízes espaço temporais”, “situado e temporalizado”, cuja vocação ontológica lhe permitiu se desenvolver como “sujeito e não objeto”, a partir da reflexão sobre as suas condições, de forma crítica sobre a realidade.

Nesse contexto, Ciampa (2007,p.145) entende identidade como metamorfose, isto é, que está em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na construção identitária: representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença.

Assim, pode-se afirmar que a identidade não algo estático, ela está em constante movimento, se “reconstruindo” durante o tempo.

Identidade é movimento, porém, uma vez que a identidade pressuposta é repostada pelos ritos sociais, passa a ser vista como algo dado e não como se dando. A reposição, portanto, sustenta a mesmice, que é a ideia de que a identidade é atemporal e constante: identidade-mito. A superação da identidade pressuposta denomina-se metamorfose (CIAMPA, 2007).

Entretanto, Dubar(1997, p.17) concebe identidade como resultado do processo de socialização, que compreende o cruzamento dos processos relacionais (ou seja, o sujeito é analisado pelo outro dentro dos sistemas de ação nos quais os sujeitos estão inseridos) e biográficos (que tratam da história, habilidades e projetos da pessoa). Segundo o autor, a identidade para si não se separa da identidade para

o outro, pois a primeira é correlata à segunda: reconhece-se pelo olhar do outro. No entanto, essa relação entre ambas é problemática, pois não se pode viver diretamente a experiência do outro, e ocorre dentro do processo de socialização.

Ainda, segundo o autor acima mencionado, o processo de construção da identidade, se constitui em um movimento de tensão permanente entre os atos de atribuição (que correspondem ao que os outros dizem ao sujeito que ele é, e que o autor denomina de identidades virtuais) e os atos de pertença (em que o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adere às identidades atribuídas). Enquanto a atribuição corresponde à identidade para o outro, a pertença indica a identidade para si, e o movimento de tensão se caracteriza, justamente, pela oposição entre o que esperam que o sujeito assuma e seja e o desejo do próprio sujeito em ser e assumir determinadas identidades. Dessa forma, o que está no centro do processo de constituição identitária, é a identificação ou não identificação com as atribuições que são sempre do outro, visto que esse processo só é possível no âmbito da socialização.

Por outro lado, Dubar (1997, p. 21) resume a constituição das formas identitárias a partir da ocorrência de dois processos: o relacional e o biográfico. O primeiro se refere à identidade para o outro, em que as transações assumem um caráter mais objetivo e genérico; enquanto o biográfico corresponde à identidade para si, cujas transações são mais subjetivas, e compreende as identidades herdadas e identidades visadas. Portanto, os processos relacional e biográfico concorrem para a produção das identidades. A identidade social é marcada pela dualidade entre esses dois processos e a dialética estabelecida entre eles é o cerne da análise sociológica da identidade para esse autor.

Entretanto, numa perspectiva sociológica, Bauman (2005) define identidade como autodeterminação, isto é, o *eu* postulado. Afirmar ainda, que as identidades comumente referem-se às comunidades como sendo as entidades que as definem. Existem dois tipos de comunidades: as de vida e destino, nas quais os membros vivem juntos em uma ligação absoluta, e as comunidades de idéias, formadas por uma variedade de princípios. A questão da identidade só se põe nas comunidades do segundo tipo, onde há a presença de diferentes ideias e, por isso, também a crença na necessidade de escolhas contínuas.

Portanto, são esses os conceitos elaborados por autores de renome sobre a identidade docente, para os quais há a necessidade de reflexão pessoal.

### 2.3.1 Identidade Docente

Na atualidade são muitas as discussões no campo de pesquisas em educação, sobre a identidade do profissional docente, principalmente no que se refere às questões de sua formação, aos saberes, e à identidade docente.

Sobre isso, percebe-se que há a necessidade de definição sobre quem é o profissional professor, como ele se vê, onde deve ser formado, como deve ser formado e quais competências e saberes devem permear a relação teoria/prática na formação e atividade docente.

A temática da identidade docente tem sido exaustivamente discutida nas várias áreas do conhecimento, principalmente, no âmbito da Educação. Antes de conceituar a identidade docente, a identidade no seu aspecto geral é vista como uma totalidade no que se refere ao conjunto de elementos biológicos, psicológicos e sociais que a constituem.

Santos (1990, p. 201) destaca como aspecto principal do conceito de identidade, o reconhecimento que emana das relações sociais. Assim, o indivíduo define-se a partir de como se reconhece no desempenho de papéis sociais e de como é reconhecido pelos outros no meio social. Nesse aspecto, Silva (2007) afirma que a construção identitária dos sujeitos revelam a identidade profissional como processo multifacetado implicado em dinâmicos processos de construção/reconstrução, pois:

[...] a identidade é entendida como um processo de formação e transformação do “eu”, que é multideterminado, e que ocorre durante toda a vida do indivíduo por meio da composição de igualdade e diferença, em relação a si próprio, e aos outros. (SILVA, 2007, p. 32).

A construção da identidade profissional docente tem início muito antes da escolha da profissão, ou do processo de formação profissional oficial, ela é construída no decorrer de nossa história de vida, no ambiente familiar, nos grupos, mediante as interações sociais do dia-a-dia, na construção de nossa identidade pessoal.

De acordo com Mizukami (2008, p. 389) os processos de ensinar e aprender a ser professor são lentos e, é neste desenrolar de acontecimentos que construímos nossas identidades profissionais. Isto acontece porque estes processos iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de licenciatura e se prolongam por toda a vida

profissional. A escola e outros espaços de conhecimento são contextos importantes nessa formação. Conhecimentos teóricos diversos, assim como aqueles que têm como fonte a experiência pessoal e profissional, são objetos de aprendizagens constantes.

É mediante esses processos formativos de aprender a ser professor, que é construída a sua identidade docente. De acordo com Moita (1992, p. 115), “ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações”.

Assim, no processo de construção da subjetividade, todos estão constantemente construindo, desconstruindo e reconstruindo identidades pessoais e profissionais durante todo o percurso da vida.

De conformidade com Dubar (2005) a construção da identidade profissional ou pessoal, é constituída por sucessivas socializações que são desenvolvidas ao longo da vida.

A profissão é uma realidade dinâmica e contingente, calcada em ações coletivas de um grupo visando à construção de uma identidade por meio de interações com outros grupos, entidades diferenciadas e atores diversos (VEIGA *et al.* (2005, p. 24). Portanto, pode-se afirmar que a profissão é uma realidade sócio histórica, realizada pela ação de seus atores. De acordo com Nóvoa (1995) o processo identitário dos professores firma-se na adesão de três AAA: A - de adesão a princípios e valores; A - de Ação na escolha das melhores maneiras de agir, e; A - de autoconsciência no processo de reflexão do professor. Tudo isso significa mudanças de paradigmas no processo de educar.

O momento histórico atual, chamado de "pós-modernidade", caracteriza-se por significativas mudanças paradigmáticas nos mais diversos níveis de compreensão do ser humano. Na era da modernidade, onde predominava a certeza e a ordem, tem, na contemporaneidade, sido substituída por uma cultura de incertezas, indeterminação e questionamentos.

De acordo com Gómez (1992. p. 112) na área da educação, especificamente, verifica-se que a racionalidade técnica - que se trata de uma concepção epistemológica da prática, fruto do positivismo e, segundo o qual, a atividade profissional é, sobretudo instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação rigorosa de teorias e técnicas científicas- que ainda predomina na maioria das escolas, já não atende às reais necessidades para a adequada

formação dos jovens da cultura pós-moderna, com os quais temos nos deparado no desempenho de nossa função docente.

Para atender bem às exigências contemporâneas, no que tange à uma formação de uma identidade docente condizente, o professor terá que, constantemente, aprimorar sua capacitação profissional.

Segundo Azevedo (1993, p. 251):

Mediante o exercício do discernimento e da liberdade, a educação de hoje não será atenção acrítica e dócil aos modismos de último grito, lançados e explorados pelo mercado. Tampouco será uma submissão rígida e passiva aos ditames de uma tradição, já incompatível com os parâmetros reais de nosso mundo concreto. Pelo contrário, tornarão possível aprimorar e levar adiante elementos fundamentais da tradição, tecida ao longo do tempo e da história, permitindo visões realistas e prospectivas que, ao mesmo tempo, iluminam o presente e constroem o futuro com fecunda criatividade. "Educar não será um esforço enciclopédico para estocar informação no cérebro ou no computador. Educar será capacitar pessoas para situar-se responsabilmente no mundo: será viver a partir da história, será criar história".

Compartilhar as ideias, persistir numa metodologia de trabalho pedagógico que valorize a tomada de posição, levando os alunos a emitir opinião sobre os temas, discutir aspectos positivos ou negativos, as dimensões sociais, políticas, éticas, culturais, religiosas, econômicas e outras, sobre os fatos, situações, personagens, acontecimentos, etc., são caminhos que possibilitam a formação de cidadãos capazes de pensar e planejar um processo para transformar a sociedade (CRUZ, 1993).

É preciso sintonizar-se com a urgente necessidade de transformações filosóficas e pedagógicas para que possa atender às expectativas da cultura pós-moderna. No Brasil, essas transformações e exigências podem ser identificadas na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional (LDB), que promoveram uma revolução educacional. As diretrizes curriculares dessa lei fornecem as bases filosóficas, conceituais, políticas e metodológicas que definem um conjunto de finalidade e competências para o bom desempenho do professor, dentro de uma proposta pós-moderna de educação. Portanto, é preciso, concomitantemente, desenvolver saberes.

Pimenta (1999, p. 86) refere-se à importância da mobilização dos saberes e da experiência para a construção da identidade profissional docente. Identifica o aparecimento da questão dos saberes como um dos aspectos a serem considerados nos estudos sobre identidade docente, pois entende que essa identidade é

construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão e da revisão das tradições. Mas, também, da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas.

Dessa forma, vê-se o quanto é importante considerar o docente em sua própria formação, num processo de auto formação, de reelaboração dos saberes iniciais, em confronto com sua prática vivenciada. Desse modo, seus saberes vão se constituindo, a partir de uma reflexão sobre a prática docente, e suas interpretações em torno do currículo.

De acordo com Therrien (1995, p.51) a identidade docente consubstancia-se pela mobilização de saberes, entendendo que estes encerram um projeto de ação ativando recursos administrativos, contextuais, técnicos, experienciais pedagógicas, científicas. Os saberes docentes são produzidos por significados, que justificam complexidades teóricas e práticas elaboradas.

A prática docente exercida nas instituições pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os docentes retraduzem sua formação e adaptam à sua profissão, validando o saber constituído através da prática cotidiana (TARDIF, 2004).

Assim, por exemplo, no Ensino Fundamental I as crianças não estão apenas em um simples processo de aprendizagem, mas, em um valioso processo de formação de valores. Valores sociais, históricos e políticos e esta faixa etária é uma fase em que os alunos são ativos e precisam ser adequadamente preparados para a vida. Neste momento, os discentes transitam em um período de aquisição de conhecimentos e assimilam os fatos em sua volta, querem participar, são críticos, porém, por muitos ignorados.

Portanto, qual deve ser o papel do professor neste processo? Qual deve ser o nível de formação de um docente para lecionar no Ensino Fundamental I. certamente, o professor deve está sempre se preparando, a formação inicial não é o suficiente, é necessária uma formação continuada, em busca de novos conhecimentos e métodos de ensino.

Dessa forma, por exemplo, um professor formado no magistério em 1990 deve procurar um aprimoramento dos seus conhecimentos, se for requisitado para ensinar em 2014. Isso é compreensível tendo em vista tratar-se das mudanças que ocorrem no decorrer do tempo. Nas últimas décadas os parâmetros estabelecidos

nas mais diversas áreas do conhecimento humano, vem passando por mudanças profundas em virtude dos avanços científicos e tecnológicos.

É preciso entender, portanto, que a formação inicial do professor deve ser de boa qualidade. A teoria, outro pré-requisito necessário, é o que direciona o professor à prática de forma competente, no entanto, essa teoria passa por aprimoramentos, necessitando que seja atualizada constantemente pelo professor. Ensinar a crianças no fundamental I é uma tarefa que requer do professor estar devidamente preparado. E essa preparação passa por adquirir saberes docentes específicos para um bom desenvolvimento profissional. É preciso respeitar a faixa etária das crianças, passando-lhes conhecimentos de acordo com a idade.

Segundo Perrenoud (2002, p. 22):

As crianças devem ser instruídas apenas naquelas coisas adaptadas à sua idade. Muitos pais se alegram vendo os filhos proferirem discursos de velhos; tais crianças a nada chegam (...). Ora, uma criança que apresenta as máximas do senso próprio de homens feitos está fora do caminho traçado para a sua idade e não faz senão imitar.

Em virtude de ser a escola a primeira noção de viver em sociedade, o processo de aquisição de conhecimento encontra-se em um período de transição acarretando mudanças no modo de agir e reagir das crianças, pois elas reagem a estímulos. A escola para as crianças é equivalente ao mundo e o professor é o Mestre, portanto, a importância que representa o professor para elas.

### 3 A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

Os questionamentos sobre a identidade estão sendo intensa e extensamente debatidos na teoria social. Essencialmente, o raciocínio é o seguinte: as velhas identidades, que por longo tempo estabilizaram o mundo social, estão em processo acelerado de transformação, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, que até aqui era considerado como um sujeito unificado.

A Identidade cultural é uma questão paradigmática, presente em todas as áreas do conhecimento. Tornou-se um dos aspectos unificadores em ciências sociais durante os anos noventa do século passado e continua como um dos principais focos de interesse para antropólogos, geógrafos, historiadores, cientistas políticos, filósofos, psicólogos, pedagogos, claro, sociólogos (JENKINS, 2004, p.13). Ele tem estado sob escrutínio científico por mais de 5 décadas desde Erik Erikson *Infância e Sociedade*, publicado em 1950 (SCHWARTZ, 2007, p.33).

Segundo Giménez (2004,p.63) a identidade do ego é um projeto distintamente moderno, uma tentativa do indivíduo reflexivamente construir uma narrativa pessoal que permite compreender a si mesmo e ter o controle sobre suas vidas e futuros em condições de incerteza. O conceito de identidade não pode ser separado da noção de cultura, e que as identidades só podem ser formadas a partir de diferentes culturas e subculturas a que pertencem ou em que participam.

De acordo com Castells (2003, p. 74) no caso dos atores sociais , a identidade é a construção de sentido, com base em um ou mais atributos culturais , priorizando os outros atributos, que é construído pelo indivíduo e representa o seu *self*.

Sob o aspecto da sociologia, a identidade é a nossa compreensão de quem somos e quem são os outros, e, inversamente, a compreensão de que os outros têm de si mesmos e dos outros, inclusive nós. A partir desta perspectiva, a identidade é o resultado de acordos e desacordos, é negociado e em constante mutação. Refletindo sobre quem somos, a imaginação psicológica nos leva de volta a essa dimensão em que enfrentamos a nós mesmos, o nosso eu, substrato biológico, familiar, educacional, e social (DE LA TORRE E TEJADA, 2007, p.29).

A questão da identidade está presente na teoria social. As velhas identidades, que por longo tempo estabilizaram o mundo social, estão passando por um processo

contínuo de mudanças. Essas mudanças de conceitos faz do sujeito um ser fragmentado no que tange aos parâmetros antigos.

A sociedade contemporânea, influenciada pelas novas tecnologias da informação e comunicação enfrenta um infindável processo de mudanças de conceitos em todas as áreas do conhecimento. No mundo globalizado, as culturas locais vêm passando por processo de mudanças constantes. Um tipo diferente de mudança estrutural está mudando as sociedades modernas a partir do final do século XX, fragmentando as culturais de classe, sexualidade, gênero,, etnia, raça e nacionalidade, que, antes, forneciam sólidas localizações como indivíduos na sociedade. Estas transformações constantes estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (SILVA, 2000, p. 88).

Segundo Mercer (1990, p. 43):

Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento— descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Essas transformações constituem-se em um processo de mudanças fundamental e abrangente e que têm de ser aceitas por todos. Assim, segundo Silva (2000) como resultado, têm-se três principais concepções de identidade.

- a) sujeito do Iluminismo,
- b) sujeito sociológico e c) sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo — contínuo ou “idêntico” a ele — ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Direi mais sobre isto em seguida, mas pode-se ver que essa era uma concepção muito “individualista” do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade dele: já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino).

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava. G.H. Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção “interativa” da identidade e do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2001). E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito

assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 2001). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente.

Deve-se ter em mente que as três concepções de sujeito acima são, em alguma medida, simplificações (SILVA, 2000, p. 131).

De acordo com David Harvey(1993, p. 12)as mudanças sofridas na modernidade implica não apenas “um rompimento impiedoso com toda e qualquer condição precedente”, mas como “caracterizada por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior”. Tudo isso implicando na necessidade de construção de novas identidades. Para que chegássemos até aqui, com a visão e os conceitos contemporâneos sobre o que são identidades, foi preciso um processo longo de transformações ao longo da história.

Segundo Raymond Williams (1976, p.133):

A história moderna do sujeito individual reúne dois significados distintos: por um lado, o sujeito é “indivisível” — uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida, além disso; por outro lado, é também uma entidade que é “singular, distintiva, única”. Muitos movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para a emergência dessa nova concepção: a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (sic) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. Grande parte da história da filosofia ocidental consiste de reflexões ou refinamentos dessa concepção do sujeito, seus poderes e suas capacidades.

Portanto, a identidade cultural da pós-modernidade é fruto de todas essas mudanças ocorridas na história da humanidade, principalmente do período iluminista até o século XX.

#### 4. COMENTÁRIOS CRÍTICOS SOBRE AS IDENTIDADES DOCENTES

A formação docente é um dos pontos críticos do sistema educacional que mais se discute na atualidade, na esfera do ensino. A identidade docente encontra-se atrelada à sua formação. A formação docente nas últimas décadas tem sofrido mudanças influenciadas por novos paradigmas construídos a partir das transformações ocorridas nos diversos setores da sociedade, como por exemplo; os econômicos, os sociais, os tecnológicos, os científicos e políticos. A desvalorização do professor, que vem ocorrendo no decurso do tempo, constitui-se como um grande empecilho para uma formação da identidade docente de forma satisfatória e desejável, pois isso acarreta o desencorajamento e a desmotivação de muitos docentes.

Segundo Pimenta (1999, p. 47):

A construção da identidade docente como profissional é uma dimensão que transforma o professor em agente ativo e responsável pelo norte do seu trabalho docente em oposição ao mero executor de tarefas definidas por outros. Um segundo ponto seria considerar os saberes tácitos dos professores e não ter somente os saberes acadêmicos como válidos e, por último, reconhecer a construção da prática do professor como um processo contínuo a ser aprimorado no decorrer de sua vida.

A formação de professores, nos cursos de licenciatura, vem passando por uma reconfiguração na sua organização curricular, no seu embasamento teórico e, principalmente, na sua relação com a prática escolar. As mudanças decorrentes do desenvolvimento tecnológico e da informática têm proporcionado, igualmente, alterações rápidas e complexas na realidade escolar e reforçam a necessidade de se repensar os cursos. Além disso, pretende-se superar as dicotomias entre teoria e prática, entre formação e atuação, entre bacharelado e licenciatura, entre o pensador da educação e o atuante na educação, e entre a formação básica e a formação continuada.

Nesse mesmo pensamento, Foucault (1979, p. 301) declara: “Há momentos na vida em que a questão de saber se alguém pode pensar de um modo diferente de como pensa, e sentir de um modo diferente de como sente, é indispensável para continuar observando e refletindo”.

Repensar a educação é necessário sempre, para que se possa construir uma identidade docente condizente com a realidade contemporânea. Assim, a identidade docente se constrói a cada dia e de acordo com as perspectivas da atualidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico buscou na literatura específica elementos formadores do perfil ideal para o professor do século XXI. Tendo conseguido delinear essas características a partir das teorias e conceitos defendidos por Edgar Morin (2004), Philippe Perrenoud (2002), Nóvoa (1995), entre outros. Todos estes apresentam opiniões que são convergentes quando se trata das demandas para a construção da identidade docente.

Na atualidade, de acordo com o consenso de todos, é dever do professor inserir-se no contexto histórico, cultural, social, filosófico e ético da jornada humana, num trabalho interdisciplinar que promova o desenvolvimento integral do educando.

No entanto, o caminho a percorrer para alcançar esse estágio é longo e requer muito trabalho. Assim, para alcançar esse estágio de desenvolvimento profissional o professor deve estar constantemente atualizado e integrado às mudanças profissionais e ao desenvolvimento científico e tecnológico acelerado que vem acontecendo nas últimas décadas em toda a Terra. É preciso compreender que na contemporaneidade as exigências e a competitividade são grandes e quem não estiver devidamente preparado ficará fora de qualquer processo profissional.

Essas exigências atingem, é claro, também o professor de ensino fundamental I, que, aliais é bastante exigido não só pela escola, mas, também, pelos próprios pais dos alunos. Desse modo, a formação continuada desse profissional neste momento de transição e implantação de novos paradigmas para o ensino é uma exigência preponderante.

No dia-a-dia em sala de aula, o professor de ensino fundamental enfrenta muitas barreiras que vão desde a falta de recursos didáticos adequados, à instalações físicas da escola deficientes, salários defasados, muita cobrança da instituição de ensino e dos pais. Entretanto, a devida formação e a capacitação desse professor são requeridas constantemente, cabendo a ele permanecer em constante aperfeiçoamento para atender essas demandas.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, I. B. de. **O prazer da produção científica**: diretrizes para elaboração de trabalho acadêmicos. 2.ed. ampl. Piracicaba: UNIMEP, 1993.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- CAMPELO, Maria Estela Costa H. **Alfabetizar crianças** – um ofício, múltiplos saberes. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2001.
- CANDELORO, J. Rosana; SANTOS, Vanice dos. **Trabalhos Acadêmicos: uma orientação para a pesquisa e normas técnicas**. Porto Alegre: RS AGE, 2006.
- CASTELLS, M. **La era de la información** (Vol. 2: El poder de la identidad, 4ª ed.). México: Siglo XXI. 2003.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2007.
- CRUZ, I. M. **Escolas no Brasil**. São Paulo: FCC, 1993.
- DE LA TORRE, S.; TEJADA, J. **Estilos de vida y aprendizaje universitario**. *Revista Iberoamericana de Educación*, 44, 101-131. 2007.  
Disponível em: <http://www.Scielo.com.br/Psicol.Soc.vol.24>  
Belo Horizonte.2012. Acesso em: 20 Abr. 2014
- DELORS, Jacques et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DAVID HARVEY. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- DUBAR, C. **Para uma teoria sociológica da identidade**. Em A socialização. Porto: Porto Editora. Ferreira, M. A. (2006). Ser-professor: construção de identidade em processo autoformativo. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo. 1997.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Afonso, 2005.
- FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: graal, 1979.
- GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO; A. M.; VIEIRA, J. S. **As identidades docentes como fabricação da docência**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.31 n.1, pp.45-56, jan./mar. 2005.

GAUTHIER, Clermontef *al.* **Por uma Teoria da Pedagogia:** pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí, RS: UNIJUÍ, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar Projeto de Pesquisa.** 4. ed.São Paulo: Atlas, 2006.

GIMÉNEZ, G. **Culturas e identidades.** Revista Mexicana de Sociologia, 66 (n. spe.), 77-99. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.com.br/Psicol.Soc. vol. 24> Belo Horizonte. 2012. Acessado em: 20 Abr. 2014.

GÓMEZ AP. **O pensamento prático do professor:** a formação do professor como profissional reflexivo. In: Nóvoa A, organizador. Os professores e a sua formação. Lisboa (Portugal): Publicações Dom Quixote; 1992.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files>. Acesso em: 14 de jan 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Editora Aleph, 2004.

LESSARD, Claude; LAHAYE, Louise. **Os Professores face ao Saber: esboço de uma problemática do saber docente.**In: Teoria e Educação. 1991,.

MERCER, K. *Welcome to the jungle: identity and diversity in postmodern politics.* In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: community, culture, difference.* London: Lawrence & Wishart, 1990. Disponível em: <<http://www.Scielo.com.br/Psicol.Soc. vol.24>>. . Acesso em: 20 Abr. 2014.

MIZUKAMI. Maria da Graça Nicoletti. **Formação continuada e complexidade da docência:** o lugar da universidade. In.: EGGERT, Edla et al. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: EDIPUCRS, 2008.

MOITA, M. da C. **Percursos de Formação e de Transformação.** In Nóvoa, (org.) Vidas de Professores. Porto: 1992.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NÓVOA, A. **Vida de Professores.**Porto/Portugal. Porto Editora/1995.

PAULO FREIRE.**Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PEREIRA, L. L. P; MARTINS, Z. I. O; BRZEZINSKI. I (Org.) **A Identidade e a crise do profissional docente.** P.113-132. Profissão Professor: Identidade e Profissionalização Docente. Brasília, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A formação dos professores no século XXI**. Porto Alegre: Artmed, p.11-33, 2002.

PIMENTA, S.G. (Org.). **Saberes pedagógicos e a atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 1999. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br>. Acesso em: 09 maio 2014.

RODRIGUES, J. T. **A Condição Humana**. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

WILLIAMS, R. *Keywords*. Londres: Fontana, 1976.

SANTOS, M. F. S. **Identidade e Aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

SCHWARTZ, S. **The structure of identity consolidation**: multiple correlated constructs or one supraordinate construct. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 7(1), 27-49. 2007.

SILVA, Tomás Tadeuda. **A Produção Social da Identidade e da Diferença**. In: Silva Tomás Tadeu da. (org.) **Identidade e Diferença A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2000.

SILVA, Teresinha Gomes da. **O processo de constituição da identidade docente: vozes de professoras alfabetizadoras**, 2007.152. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação Profissional**. 4ª edição. Petrópolis. Ed. Vozes 2004.

TERRIEN, J. **Uma abordagem para o estudo do saber das experiências das práticas educativas**. In: Anais da 18ª Anped, 1995.

VEIGA, I. P.A. **Projeto político-pedagógico da escola: Uma construção possível?** Campinas, SP: Papirus, 2005.